

**CONCURSO LITERÁRIO
DA ASSOCIAÇÃO DE APOSENTADOS
E PENSIONISTAS DA CODEVASF
“VIDA NOVA”**

“Síntese histórica do Velho Chico”

Ivonete Ibiapina

(Ivone)

Desvendar os mistérios do **Velho Chico** é ter o privilégio de se beneficiar com a sabedoria Divina.

É um rio completamente brasileiro, chamado também de **Opará**, como era conhecido pelos indígenas antes da colonização ou popularmente de **Velho Chico**.

Nasce na Serra da Canastra o estado de Minas Gerais, atravessa o Estado da Bahia, fazendo a divisa ao norte com Pernambuco, bem como constituindo a divisa natural dos estados de Sergipe e Alagoas. Por fim, desaguando no Oceano Atlântico. O **rio São Francisco** liga duas áreas de grande densidade demográfica em nosso país – Sudeste e a Zona da Mata Nordestina – é uma atração diferente que está sendo procurada pelos turistas que residem nas grandes cidades do sul do país e por estrangeiros.

Diz à lenda que o **São Francisco** nasceu das lágrimas derramadas pela índia Irati. Com saudade do bravo companheiro que foi lutar pela posse da terra contra o homem branco e não voltou mais, Irati sentou em uma pedra e chorou durante muitos dias. De tão grande, sua tristeza deu origem ao Opará, que significa rio-mar, na linguagem indígena.

O **rio São Francisco** é uma dádiva de Deus para amenizar o sofrimento do sertão nordestino, no combate aos problemas causados pela seca. É o principal responsável pelo desenvolvimento da infra-estrutura de irrigação, geração de energia elétrica e fortalecimento da economia nos estados brasileiro.

Não tem como falar do **Rio São Francisco** e não citar a **Codevasf** como principal empresa articuladora das ações desenvolvidas nas regiões mais carente e precisamente na Bacia do **Rio São Francisco**, ela tem destacado suas ações como um dos principais modelos de promoção de desenvolvimento para redução das desigualdades sociais e para a inclusão social das regiões do Velho Chico. Afinal, a **Codevasf** é sinônimo de **Velho Chico**, e vale a pena ressaltar que vem desenvolvendo com competência e

criatividade os seus programas e projetos; capacitando jovens, executando e/ou elaborando projetos de irrigação, fruticultura, apicultura, caprinocultura e demais programas, através dos quais o Brasil vem adquirindo prestígio substancial junto aos países mais desenvolvidos.

O **Velho Chico**, apesar de continuar exuberante e contar com empresas sérias e competentes quanto a **Codevasf**, jamais esteve tão maltratado.

O Rio São Francisco enfrenta sérios problemas ambientais, tendo o lixo como seu maior inimigo, desde sua nascente, o São Francisco sofre com um grave problema ambiental: despejo de lixo e esgoto urbano. Este tipo de ação pode provocar doenças e levar resíduos perigosos às águas, ameaçando a vida no rio e nas cidades ribeirinhas.

Mesmo assim, continua fertilizando terras, melhorando a vida de famílias em cinco Estados, dando de beber aos barranqueiros, povoando de sonhos e lendas nos lugares por onde passa, encantando suas paisagens, colorindo a vida da população sertaneja.

Esse rio separa a Bahia de Pernambuco e Alagoas de Sergipe. Em toda sua extensão crescem lugares históricos cheios de lendas, estórias, superstições e costumes seculares. Leões e cavalos são esculpidos para dar proteção aos barqueiros do **Velho Chico**.

As cabeças de proa ou carrancas encontradas no **rio São Francisco** formam capítulo encantador do folclore brasileiro. Os barqueiros da região costumam colocar em suas embarcações curiosas e rudes figuras de proa, lembrando formas humanas ou de animais.

Lendas e histórias são contadas até hoje, como verídicas, por muita gente, vou relacionar as principais: a do nego d'água, caboclo d'água ou bicho d'água; as relativas às fundações das cidades ribeirinhas, quase sempre tendo por fundamento a aparição ou invento de uma imagem milagrosa; as da caipora, da mula de padre ou mula-sem-

cabeça, de lobisomem, dos naufrágios das velhas barcas de carranca; as de aventuras dos marinheiros e remeiros; as relativas às bravatas, crimes e desmandos dos coronéis que operavam na região e muitos outros.

O conteúdo e enredo dessas lendas e histórias, espelham certo complexo heterogêneo de sentimentos de ingenuidade e malícia, conformismo e rebeldia dessa gente simples, ignorante, mas, inteligente e generosa das barrancas do São Francisco. Sua coragem e generosidade, são as características mais marcante de sua personalidade.

Muito se tem falado sobre o rio São Francisco e as obras monumentais ali realizadas, dentre elas uma pouco acima de Juazeiro – uma ponte ligando a cidade baiana à de Petrolina, no território pernambucano – e o aproveitamento do potencial hidrelétrico da majestosa cachoeira de Paulo Afonso, considerada obra das mais importantes da engenharia nacional. Poucos conheceram, a respeito dos povos, usos e costumes daquela região, autêntico celeiro de tradições nacionais.

Neste texto focalizo um tipo quase desconhecido da característica humana daquela região – o REMEIRO, segregado social cuja vida é uma obscura epopéia.

Pele queimada pelo sol, músculos enrijados pela lida diária, no peito os calos negros produzidos pela ponta dos varejões no esforço implacável de empurrar as pesadas barcas contra a correnteza, o remeiro é uma prova da energia e coragem daquela gente.

Humilde, nobre e corajoso, da mesma forma que o sertanejo do vale do grande rio, não é um indivíduo ocioso; leva a vida de privações contínuas, lutando permanentemente contra três elementos tenebrosos: as secas, as enchentes devastadoras e a mentalidade acanhada e sem idealismo de certos políticos locais. Abandonado, esquecido e injuriado,

acima da sua extraordinária força física só conta mesmo com a proteção do Bom Jesus da Lapa...

Indivíduo bem humorado, principalmente quando se excede um pouco na Januária... É apelidado de "burro d'água" pelos barranqueiros, expressão pejorativa criada pela antipatia que os habitantes ribeirinhos têm por ele, antipatia nascida dos gracejos e xingamentos que o remeiro lhes dirige quando passa, em viagem, pelas margens do rio.

Arrastando uma vida errante, sem assistência de qualquer espécie, recebendo salários ínfimos, quando está impossibilitado de trabalhar, por moléstia ou pela idade avançada, o remeiro é posto de lado como um traste inútil. Quando em viagem, o seu ritmo de vida é invariável: acorda cedo, almoça feijão com jabá, preparado na noite anterior por um companheiro escalado para esse fim e que fica a noite inteira de plantão para atizar o fogo e tomar conta da panela – uma lata suspensa em tripés sobre o fogareiro. Come gulosamente, fazendo "capitão", bolinhos de feijão amassados com a mão, que atira à boca com a ponta dos dedos. Com essa refeição viaja até o meio-dia, hora da "jacuba", merenda que consiste de rapadura, farinha de mandioca e água. Dai por diante não toma nenhum alimento, até o escurecer, quando encosta a barca para o pernoite. É preparado, então, o jantar, quase sempre um picadinho de carne com arroz ou algum peixe apanhado à última hora.

O remeiro dorme sobre a tolda da barca ou em esteiras de palha de carnaúba nas praias do rio, bem longe d'água, para não ser surpreendido pelo negro d'água, ser fantástico que habita no fundo do rio e costuma aparecer de noite, atacando as embarcações e arrastando para a morte o remeiro desprevenido... As carrancas de proa das barcas do rio São Francisco, manifestação máxima da arte plástica rudimentar do povo daquela região, é o que mais desperta a atenção de quem visita pela primeira vez o

grande rio. Os remeiros acreditam que elas servem de mascote contra os elementos maus, principalmente para afugentar o negro d'água.

É uma tradição já hoje bem rara no rio São Francisco: os remeiros remam cantando para espaiar e aumentar as forças. Quando descem o rio, regularizam o movimento das remadas com a cadência da melodia, aliviando assim o penoso trabalho que vai da madrugada até a tardinha varando léguas e léguas de rio, sob o sol inclemente ou sob aguaceiros repentinos.

As toadas são ternas e de saudosa dolência. A tripulação é constituída de quatro remeiros, que cantam a quatro vozes com sutileza e fantasia, improvisando contracantos com facilidade e improviso, dentro de perfeita afinação e equilíbrio vocal. Algumas toadas distinguem-se por um constante barulho com prolongamentos súbitos, que as torna, na maioria das vezes, indecifrável à notação gráfica.

Crenças e devoções do sertanejo

A fé que predomina na vida do sertanejo é a crença na religião católica e a prática supersticiosa e desfiguradora de sua liturgia são como que uma tônica revigorante das energias psicossomáticas dos seus habitantes. Isso, aliás, se aplica, em geral, a todo o Brasil, católico por tradição e supersticioso por índole.

A religião dominante do vale é o catolicismo. Mas um catolicismo cheio de superstições e benzeduras, catolicismo *sui generis*, que vai desde o compadrismo entre os fiéis e os santos, até a prática de retirar, às escondidas, as imagens dos altares para fazer chover ou ensejar outras graças e favores. Por mais que os padres protestem contra os “roubos” de santos para forçar a realização de um milagre, o sertanejo continua seqüestrando imagens nas igrejas e oratórios particulares. É comum uma dona-de-casa, ao chegar diante dos seus santos para as orações matinais ou vespertinas, dar pela falta

de um Santo Antônio ou de um São José, ou do Menino Jesus que eles trazem nos braços. Ao notar a ausência do santo ou do Menino Deus, ela já sabe que foi promessa, razão pela qual não se cria nenhum problema, mas, ao contrário, reza para que quem o “roubou” seja atendido logo, para o seu lugar no oratório não ficar vago. Em tempo de seca ou de inundação, os santos se vêem apertados, e os oratórios e igrejas ficam grandemente desfalcados. Os devotos só não “roubam” as imagens de Jesus homem e Maria, que são as únicas respeitadas, vez que, segundo a crença popular, roubar Nosso Senhor ou Nossa Senhora provoca as iras do Céu. Há devotos que, quando os favores pedidos tardam em ser concedidos, maltratam o santo “roubado” deixando-o ao relento em noites chuvosas, e há os que chegam ao extremo de amarrá-lo no fundo de um pote cheio de água, de cabeça para baixo. Todas estas práticas são veementemente condenadas pelos padres, mas o sertanejo não lhes dá ouvido.

Entre as crenças populares mais antigas do vale, está a de que a chave do sacrário é remédio infalível contra hidrofobia.

O candomblé não tem nenhuma influência na vida do ribeirinho. Lá, os feiticeiros não desfrutam de nenhum crédito. Há, sim, os mandingueiros, indivíduos velhos que vivem de benzer feridos, receitar “garrafadas” de sumo de ervas medicinais e fechar, com rezas, o corpo das pessoas. Mas não há o “despacho”, presente aos espíritos, nem tampouco batuques e danças rituais. Mesmo os negros não dão crédito ao candomblé, ali. A religião nas comunidades sertanejas é uma mistura do catolicismo com os restos dos pavores seculares do gentio politeísta. O sertanejo tem fé em Deus, reza o *Creio em Deus Padre*, mas não perde contato com as divindades telúricas da ribeira, como o caboclo-d'água, o minhocão, que, assim como protegem, podem fazer mal. Mas as suas relações com o caboclo-d'água e o minhocão não são íntimas: o sertanejo não morre de amores por eles, mas, por via das dúvidas e para evitar aborrecimentos, tira o chapéu. A

verdade é que quem manda no vale é mesmo o Bom Jesus da Lapa. Nele o beiradeiro deposita todas as suas esperanças. Depois do Bom Jesus da Lapa, os santos de maior devoção na ribeira são: Santo Antônio, Santa Luzia, São João Batista e São Gonçalo. Nossa Senhora do Perpétuo Socorro também é muito devotada, tanto na cidade como pela gente da caatinga e das vazantes.

A devoção de São Gonçalo é a mais típica e constitui uma herança dos primeiros povoadores.

Os devotos de São Gonçalo pagam suas promessas com danças. Tais danças são chamadas de brinquedo, e cada brinquedo é constituído de trinta rodas. Os devotos, pelo favor recebido ou desejado, prometem e pagam, no mínimo, vinte brinquedos, mas já se tem verificado casos em que pagam cem brinquedos pela graça alcançada, e em tais casos as danças demoram três ou quatro dias, entre os gritos de alegria e o espocar de foguetes. Os brinquedos de São Gonçalo são realizados à sombra de árvores, ou sob latadas cobertas de palha. Cada dançarino tem uma função e o mestre das danças tem de ter boa memória e corpo ágil. Acompanham as danças cânticos alusivos aos poderes de São Gonçalo.

O maior prestígio, porém, não é de São Gonçalo nem de qualquer outro santo, e sim do Bom Jesus da Lapa, cujos milagres todos atestam e confirmam. Nem o Bom Jesus do Matozinho, às margens do Paraopeba, afluente do São Francisco, desfruta da popularidade do Milagroso Bom Jesus da Lapa. Durante o ano inteiro, caminham a pé, muitas vezes descalços, pelas margens do rio, os romeiros que vão à Lapa agradecer ao Bom Jesus as graças recebidas. No entanto, a grande romaria se dá a 6 de agosto, quando dezenas de milhares de devotos acorrem ao santuário, uma gruta no sopé de um morro coberto de bromélias. É rara a família do vale que já não tenha ido, a pé ou embarcada, à Lapa do Bom Jesus, pagar uma promessa, agradecer um milagre. A festa

do Bom Jesus cresce o número de romeiros que buscam a gruta milagrosa em procissões diárias pelos caminhos que marginam o rio. Muitos desses bandos vão cantando *benditos*, o que empresta ao espetáculo uma beleza singular.

São inumeráveis os milagres do Bom Jesus da Lapa, que o povo repete aos quatro ventos, em prosa e verso. Contam que uma romeira estava com o seu filhinho numa das aberturas da gruta, quando o menino despreendeu-se dos seus braços, indo cair no rio, lá embaixo. Desesperada, a mãe gritou com todas as forças do seu coração:

– Valei-me meu Bom Jesus!

Foi o bastante. Quando todos olharam para o lugar onde o menino caíra, viram-no sentadinho, flutuando sobre a correnteza.

A história do santuário da Lapa está ligada à própria história do desbravamento da região, datando dos primeiros anos da Colônia.

Todos os sertanejos do vale do São Francisco são devotos de Bom Jesus da Lapa, uma gruta-santuário existente no curso médio do famoso rio.

O monge fundador da gruta chamava-se Francisco de Mendonça Mar. Mais tarde, depois de ter habitado na gruta, virou frei Francisco da Soledade. Tinha sido ourives, aventureiro, folgazão. Tomado por uma crise mística, abandonou tudo. Partiu em busca do calvário da gruta. Uma secreta voz o guiava pelos desconfortos dos caminhos do sertão. Na jornada, ficou amigo de uma onça ferida. Tirou-lhe o espinho da pata. E os dois caminharam, até chegar à gruta.

Na gruta, viveu uma vida de santo, esse eremita português. Com o crucifixo de pedra (natural). Ao lado de sua onça. Por isso ainda hoje visitando a igreja da Lapa, na toca da onça, numa lápide de granito, lê-se a seguinte inscrição em letras de bronze: "Aqui foi sepultado o padre Francisco da Soledade, sacerdote secular, que trouxe a

milagrosa imagem do Bom Jesus a esta lapa e nela viveu em oração e penitência. Descanse em paz”.

O frade e a fera estão imortalizados na lembrança do povo da Lapa, graças à força da devoção que a imagem, trazida por ele, inspira às populações ribeirinhas e de todo país com grande devoção. No interior da gruta, além do espaçoso lugar que serve de igreja, com imagens de Santos em cada canto do interior da gruta, há vários corredores, e num deles está a “cova do frade” onde, dizem, está enterrado o eremita. Ao seu lado fica a “cova da onça”, que se acredita guardar os restos de sua companheira.

Morei na cidade da Lapa quase cinco anos, e vivenciei de perto a devoção que o sertanejo tem pelo do Senhor Bom Jesus. A romaria começa em maio e vai até o dia 6 de agosto, o dia da grande festa, com a procissão do Bom Jesus percorrendo a cidade e voltando para a igreja da gruta ao anoitecer. Quando não podem ir às romarias, os sertanejos enviam as suas oferendas em cabaças que largam ao embalo da correnteza.

Vai gente dos lugares mais longínquos, turistas com a finalidade de conhecer de perto a gruta que é um verdadeiro santuário de beleza e divindade, sem igual; outros agradecer as graças alcançadas, pagar promessas, fazer promessas, a fé dos romeiros é inabalável, a maioria se deslocam de suas cidades com ou sem condições financeiras, não estão preocupados aonde vão se hospedar, com o que comer; que condução vai utilizar; viaja com fé e coragem, sua única satisfação pessoal é poder chegar até aquela cidade, visitar o santuário e cultuar grande fé e devoção ao Bom Jesus pelas as graças alcançadas e pelas as que esperam alcançar.

Muitos quase sem condições físicas sobem ao morro e lá fazem suas preces, aproveitando para ver a paisagem lá de cima, é tudo muito mágico; aproveito para ressaltar que, em cima do morro tem uma pedra que todos acreditam que se baterem três

vezes e sair um som de uma nota musical, você voltará no ano seguinte, caso contrário, corre o risco de não voltar nunca mais.

O poder aquisitivo da cidade se concentra nas festas de romarias, as principais ruas ficam cheias de barracas, o comércio ambulante toma conta da cidade, vendem as mais diversas mercadorias, tais como: terços, fitas, crucifixos, roupas, objetos domésticos, imagens de santos e etc... quando termina a romaria, a cidade volta à mesmice de sempre. A população mais pobre que mora no bairro beira rio, sobrevive da pesca no rio São Francisco, porém, este mesmo rio que dá condição de sobrevivência, quando enche, transborda as suas margens, inundando todas as casas das comunidades ribeirinhas. O homem é considerado o principal responsável por estas calamidades, por não valorizar o bem mais precioso que Deus lhe deu a “natureza”, jogando lixo nos rios e praticando muitos outros desmandos; uns por ingenuidade, falta de esclarecimento e outros por ganância, porém, a resposta vem com a destruição no seu próprio habitat. Deus proverá! Um dia... com certeza o homem será bem melhor e mais sábio.